



As alegres noitadas do Mamma, com a elegância de gente de todas as idades

• PAG. 8



As lindas Larissa Frazão e Ana Letícia Léda

Bela festa celebrou com muita pompa os 169 anos da nossa Associação Comercial

• PAG. 4 e 5

Divulgação/Instagram



UM FOCO

de luz na digital influencer mais bonita, mais charmosa e mais elegante do Maranhão: a jovem e bem antenada Luanne Holanda

Num domingo recente, desviei as incursões peripatéticas a que me entrego em benefício de um inquieto coração, rumo ao chamado Centro Histórico de São Luís, que é talvez a mais antiga área sofisticada da cidade. Jamais caminho só. Levo junto a imaginação do escritor. Mas nada tinham de fantasiosas as antigas "mansões" que fui percebendo desertas e malcuidadas em certas ruas, alamedas e praças.

Não eram todas. Havia umas habitadas ou convertidas em sedes de empresas. Mas outras estavam fechadas, protegidas por um zelador, grades, cães e alarmes. Boa parte dos espaços próximos tinha sido invadida por desocupados.

Minha atenção foi convocada pelos palacetes agonizantes: sou um nostálgico assumido. Ornados de mirantes e sacadas, guardavam os claros vestígios de um ido esplendor. Sua arquitetura era eclética, no geral composta de moradas inteiras, meia-moradas e sobrados; ora se observavam torreões

SEM MEMÓRIA:

ou o melhor modo de deletarmos o passado de São Luís e voltarmos as costas para o futuro

sobranceiros, nunca faltavam arvoredos ao fundo, sugerindo pomares.

Frequentei, na época de colégio e de faculdade – ou seja, nos meus anos inaugurais nesta cidade, vários exemplares do gênero, onde vivia colegas e amigos ricos, isso naturalmente antes que São Luís fosse exposta à corrida imobiliária que lhe deformou a face, lhe roubou a luz e os horizontes, em troca de desgraciosos caixotes de concreto.

A mais bela que visitei, faria excelente figura num filme rodado na Riviera, na Nova Inglaterra, nas margens do Wannsee. Mas acabou demolida pela ação do tempo e pelo des-

caso de seus proprietários e do poder público. Bateu-me uma saudade talvez da adolescência, talvez da capital civilizada, remotamente europeia, que ainda peguei no final dos Anos Dourados. E várias perguntas me assaltaram, irrespondidas.

Onde foram parar os risos, as vozes, os momentos de celebração ou de doçura que povoaram aquelas moradas?

Onde sumiram as festas de 15 anos, os casamentos, os chás tranquilos à sombra de acácias e flamboyants, os jantares que requeriam trajes de noite?

Que voragem consumiu as reuniões dan-

çantes de sábado, os namoros inaugurados nos jardins floridos, os móveis, as louças, as telas – belíssimas obras de arte, os espelhos, as salas de música refinadas, elegantes, e ainda assim nuas de ostentação?

Em qual dessas vilas reduzidas a taperas uma senhorita atrevida e linda disparou um olhar de flama a um cavalheiro com quem estivera discutindo a quase cegueira de Huxley e a música revolucionária de Debussy?

Em que chaise-longue uma dama, lendo um romance de Lawrence, "O amante de Lady Chatterley", percebeu seus sentidos imersos em cúmplice alvoroço?

Nem desconfo. Há lugares neste vasto mundo sem porteira em que te mostram: aqui era o palacete dos Buddenbrook; ali se desenrolou a saga dos Rougon-Macquart; naquela venda do canto Victor Hugo compôs Waterloo.

Já nós, somos superiores. Abolimos a memória. Talvez seja o melhor modo de deletarmos o passado e voltarmos as costas para o futuro.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Reunidos com a família do aniversariante: Kátia Rocha e as filhas Camila (com o marido Carlos Eduardo Bandeira), Daniella e Ana Clara, César Bandeira e Thatiana, o Repórter PH, Ana Elvira e José Benedito Buhatem e Marcone Athaide Rocha

NOVA IDADE

de Marcone Rocha comemorada com jantar festivo no Grand Cru

O engenheiro Marcone Athayde Rocha e sua esposa Kátia, mais as filhas Ana Clara, Daniella e Camilla (com o marido Carlos Eduardo Bandeira) foram os corretos anfitriões da última terça-feira, no sempre charmoso e agradável bistrô Grand Cru, para um jantar regado a ótimos

vinhos e com a presença de amigos muito especiais.

Numa noite em que circularam no local muitos nomes que dão charme e prestígio aos ambientes sociais da cidade, os Rocha proporcionaram uma noite muito agradável, com a boa música de Adriana Bonsaito e o correto serviço de casa.



Ana Elvira Buhatem, Ana Clara, Camila e Daniella Rocha com Thatiana Bandeira Kátia Rocha



Marcone e Kátia com as filhas Ana Clara, Daniella e Camila (com o marido Carlos Eduardo)



O Repórter PH com César Bandeira, Marcone Athayde Rocha, Thatiana Bandeira e Karla Rocha



Kátia e Marcone Athayde Rocha



Ana Elvira e José Benedito Buhatem



Marcone Rocha e o Repórter PH

Eça na Ilha

Domingo de sol de "geladeira", luzinha que alumia mas não esquenta, fico um pouco sem rumo numa ilha que só tem uma diversão: praia. A caminho de uma banca de jornais, passo pelo coração deserto da Cidade, as ruas estão mortas, como veias ressequidas. Esta rua por onde passo, a Rua da Paz, chamou-se outrora Rua A Osvaldo Cruz já foi Rua Grande. A Afonso Pena Rua das Flores. A Celso Magalhães, Rua dos Veados. A Nina Rodrigues, Rua do Sol. A Jerônimo Coelho Rua da Paz. Bonito, não? Nomes sonoros, três, duas sílabas, até monossilábicos, mas de uma pura e genuína expressão.

Revisito Lisboa nessa São Luís remexida pelo vento dominical, espécie de "viração" que traz o passado em redemoinhos. As ruas lisboetas tem nomes graciosos e singelos. Nada de nomes próprios de figuras, homenageados pelos puxa-sacos. São nomes simples, espontâneos, ditados pela alma do povo: Rua da Alegria, Travessa da Glória, Rua da Santa Justa, Rua dos Fanqueiros, Rua do Salitre, Rua dos Cordoeiros, Rua dos Quebra-Pentes, Rua dos Bacalhoiros, Beco do Arco Escuro. Nomes sonantes, pitorescos, encantadores.

Descendo o Largo do Carmo, atual "Praça João Lisboa", tropeço numa figura de dandy, em terno e colete, bengala, chapéu coco e polainas – e ah, um pincez-nez, encravado entre o sobrolho e os zigomas. Quem seria a bizarra criatura? Verdade? Fantasia? O Carnaval ainda está longe... Alguém, ou algum espectro materializado, descia a calçada da praça, tirando baforadas de um cigarro engalanado por vistosa piteira. Esfreguei os olhos, espremi a mente. Quem seria?

Era ele. Eça. José Maria Eça de Queirós, o autor do O Primo Basílio, Os Maias, A Relíquia, O Mandarim, A Correspondência de Fradique Mendes e tantas outras obras-primas da literatura portuguesa e universal. Ali estava o corrosivo autor de O Crime do Padre Amaro, o cáustico da burguesia que usa frases feitas e trajes da monarquia, do governo e da igreja, um iconoclasta, um linguarudo.

– É o mestre Eça? – aproximo-me, timidamente, temendo ser repellido.

Descoberto, o fantasma manifestou até um certo alívio, como se já esperasse por aquilo. Perguntou-me então onde poderia comer regamente, uma pema de vitela assada, um bife em frigideira de barro, um cabrito no espeto de cerejeira, um borrego mamão, assado com uma maçã na boca...

O centro da cidade é um deserto de bons restaurantes. Sugerir o velho Polli, onde traçamos um proaico Bife a cavalo. Pediu "Troxinhas de Ovos" de sobremesa para ter que se contentar com uma indigente fatia de queijo com goiabada. Ao passear os exercícios de sua digestão Largo do Carmo acima, Zé Maria perguntou se a governadora estava em palácio. "É museu" – respondi. "Quem?", indagou, mordaz: "O governador ou o palácio"? Olhou muito para o adro da Catedral, fixando o monóculo.

Eça estava doidinho para incriminar algum padre e desancar algum conselheiro Acácio.

Sonhei com a província

Sonhar ainda é permitido. Não só no sentido de devanear e ter fantasias. Sonhar é um verbo animado pelo inconsciente freudiano, todo ser humano sonha – e, por sonhar, o brasileiro ainda não paga imposto.

Ontem, sonhei em technicolor, som dolby-stereo, como nos melhores filmes. E nesta minha sessão de cinema passou um filme bonito: o Brasil Primeiro Mundo – um país regenerado, que se submeteu a uma generosa "entente cordiale" entre suas classes, com ampla e geral redistribuição de renda.

Acredite ou não. Os muito ricos fizeram fila para doar metade dos seus bens à população carente. Como aqueles gringos ricos, Bill Gates à frente, abrindo as portas dos seus cofres fortes. Um gesto que chegou a tocar o próprio Mahatma Ghandi, de plantão no observatório celestrial, lá das arquibancadas do firmamento.

Sonhei que o dólar – para horror dos exportadores – havia recuado para R\$ 3,50, e que, diante de tal "incentivo", fomos todos comemorar no Central Park, em Nova York, esticando depois no River Café, Brooklyn que vem a ser o Estreito da Big Apple e de onde se divisa o skyline da Capital do Mundo.

Melhor do que aquela Nova York do meu sonho, só a São Luís de Primeiro Mundo. Sem engarrafamentos, sem palafitas e sem agressões ambientais. Executivos de Wall Street sonharão em morar aqui – uma Nova York muito mais humanizada, sem precisar imitar aquela "colcha de retalhos e alfinetes", como a ela se referiu o romancista Henry James.

Sonhei, juro que sonhei, que o Beatle John Lennon havia ressuscitado em minha cabeceira, só para segredar ao meu ouvido, enquanto eu próprio ainda sonhava:

– O sonho não acabou...

Sonhei que Martin Luther King fez questão de descer de seu lugar de paz e refrigério só para confirmar a realização do seu sonho num mundo sem miséria e sem racismo:

– I had a dream...

Sim, o pastor negro falou no preterito, "eu tive um sonho", porque, agora, ao lado de King, estava ninguém menos do que o primeiro presidente negro dos EUA, Barack Obama.

– And I am still dreaming... "E continuo sonhando", sorriu o paladino dos direitos civis.

Se Lennon e King sustentam que o sonho não acabou, não custa nada continuar sonhando. Com o cuidado de não prejudicar esse exercício onírico, mediante a singela providência de pendurar, em nossa porta, aquela conhecida plaquinha dos melhores hotéis do ramo: Por favor, não perturben...

Convém lembrar que, em minha visão, São Luís tinha 150.638 habitantes, e o Maranhão, 2.492.139. Uma "regressão" em forma de sonho, pois corria o ano da graça de 1960.

Sonhei que o Senhor achava "que aquilo era bom" e que aquelas poucas almas estavam destinadas a ter uma vida de sonho.

Sonhei que fui à beira do Cais da Sagração – sim, naquele tempo havia um cais. E, daquele posto de observação, joguei uma pedrinha lisa para que ela fizesse "peixinho n'água".

Ela fez. Fiquei feliz.

Sonhos coloridos. É o que desejo para todos os homens de boa vontade – e que, preferencialmente, não ronquem.

Existencial de Agosto, 50 anos depois

Assim como toda família espera a primeira palavra com o coração na mão de tanta ansiedade, no jornalismo fomos empurrados para a criação de um estilo, ou seja, a linguagem conquistada com esforço, diante de uma plateia de leitores radicais, os colegas da redação. Foi nessa luta com a primeira palavra que inaugura um texto para se destacar do rebanho, e que define uma identidade sem esperança de que ela terá permanência, que trafeguei entre jornalismo e literatura, como vasos comunicantes que jamais se negam.

Era a maneira de encarar os dois ofícios como um só, limpando de cada trabalho toda a veiledade que transforma sonho em papel datado.

Durante esta última semana de agosto, fui, mais uma vez, poeta o tempo inteiro, cada minuto de Lua, cada porção do teu cheiro. Diga que sim. É a única forma de haver poesia.

Em 23 de agosto de 1973, lancei o meu primeiro livro de poesias, "Existencial de Agosto". A capa era do Endros Nagy Lajos. O prefácio foi de

Nauro Machado. As orelhas do Pe. João Mohana, Jomar Moraes e Fernando Braga, todos já falecidos. Um quinteto que só existe na saudade e como retratos na parede, como diria Drummond.

Não há como esquecer daquela noite de Lua Cheia, Erasmo Dias discursando com sua voz rouca e sábia. Murilo Ferreira também. Josué Montello e João Mohana no meio da multidão. A Fonte do Ribeirão jorrava ritmos na crônica do José Chagas para pedir desculpas por não ter comparecido por problemas de última hora. "Não juro em nome da Lua que é inconstante, mas em nome da Poesia que é fiel e eterna", se desculpou pela ausência sentida.

Sai da Fonte sem um livro nas mãos. Compraram todos. Autografei muitos. Depois escrevi para Virgínia, que também não foi. E lhe disse: visitei tua galeria. Sempre te achei uma pintura. Melhor não mexer com as curvas. Elas se encrespam quando você não alisa. Deixei em meu lugar a poesia. É o melhor de mim, para você.

Pensei, em vão, que ela tivesse

desistido de mim. Cada barco seguindo seu rumo. Eu preferia assim. Consegui ser seu em minha fantasia. Ela sentiu medo, é natural. Se arrependeu como uma neblina. Fui a gota de chuva em sua língua.

Ela levou os versos que guardei para o inverno. Agora senti frio, sem verbo. Procurei nos pássaros o assobio noturno. O que te atrai em ruas encardidas. Somos poucos, em rodízio. Amargamos a solidão do clima. Pode ir agora, já dissolvi a banda. Vê se não desmorona, meu encanto, clamei. Repartimos momentos. Todos para ela, eu fiquei só olhando-a. Não a chamei de querida, não éramos tão íntimos. Mas de musa, de outra vida. Não posso deixar de dizer, mesmo que queira. Temo esquecer o que te beija.

Abordo tuas personagens. Mas quero tocar a intenção que faz a arte. Não esqueça. Hoje é dia de pegar o que desejas. Esse último eu solto na beira. Jogo na primeira base. Não para fazer pontos, mas porque ali te abres. Se a fonte da tua beleza molhar meu beijo,

tudo o que eu disser será eterno. Não podes escapar, clássica. Sou o historiador da tua arte.

Invente o espaço onde me queiras. Que lá já estou, divina. Teu rosto é molde de deusas. O Olimpo está cheio de tuas curvas. Habito o sonho em que estamos juntos. Não se afaste nem por um minuto. Pena não sermos as criaturas que imaginamos. Não outra pessoa, mas contigo pendurada no meu ombro.

Sei que te recolheste, me deixando na sombra. Mas tenho a memória da tua imagem no espelho. Lá mora a luz, amante. Saciada, repousas. É quanto te atinjo ao meio

Sobreviver foi o erro. Deveria estar preso no século eterno. Mas cruzei o umbral e eis-me no ermo, a solidão do futuro. Sobreviventes não merecem homenagens. Principalmente se estiver pronto para o bote do poema. Não me lembre, não sou poeta póstumo. Nasço amanhã, quando estiveres a postos. Ressaca da Lua. Balada do sábado foi super. Hoje ela está anônima no céu. Pediu auxílio às nuvens.



Teresinha Sereno ao lado do bolo de aniversário

Tetraneta de Teresinha Sereno

Minha cidade natal, Presidente Dutra, fez festa nesta semana para celebrar os 93 anos de Teresinha Meneses Sereno. Seus filhos providenciaram bolo de aniversário, coro de parabéns pra você e um clima de alegria e simpatia em

volta da nonagenária ainda muito lúcida e muito ativa. Na mesma noite ela teve outro motivo para comemorar. Nasceu sua primeira tataraneta, Ana Laura Assis Sereno, filha de Leonardo César Sereno e Ana Cecília Assis Sereno e neta de

Sandro César Monteiro e Eliana Sereno. Os bisavós são Noveli Meneses Sereno e Eliene Ferreira Sereno - ele, meu colega de infância e da mesma geração de 1948. Ana Laura é tetraneta de Teresinha Meneses Sereno e do saudoso Nelson Sereno.



Terezinha cercada dos filhos Hamilton, Edna, Carlinhos, Lucides, Afonso Walter, Sílvia e Noveli



Dos poucos amigos chamados para a festa íntima, Elly Araújo e André Jardins, com a aniversariante



Noveli Meneses Sereno todo feliz segurando a primeira bisneta

Brecha para a desconfiança

Está gerando muitas dúvidas e uma enxurrada de críticas a decisão adotada pelo Supremo Tribunal Federal de invalidar um trecho do Código de Processo Civil referente ao impedimento dos juízes em processos que tenham como parte clientes de escritórios de advocacia ligados a parentes do magistrado julgador.

Ao reconhecer a inconstitucionalidade do Inciso VIII do Artigo 144 do CPC, por sete votos a quatro, o STF desobrigou integrantes da magistratura nacional, em todos os graus jurisdicionais, de se declararem impedidos nos processos em que a parte for cliente de escritório de advocacia de seus cônjuges, companheiros ou parentes consanguíneos, em linha reta ou colateral, até terceiro grau, ainda que a mesma seja representada por advogado de outro escritório.

De acordo com a Associação dos Magistrados Brasileiros, proponente da Ação Direta de Inconstitucionalidade, a lei era inviável porque o juiz não tem como saber se uma parte, em outras demandas na Justiça, poderia ser cliente de escritório em que atue parente seu.

Argumenta ainda a AMB que o Inciso III do mesmo artigo, que determina o impedimento do juiz em processos nos quais o advogado, defensor público ou membro do Ministério Público for seu cônjuge ou parente, está mantido e sequer foi questionado pela entidade.

As críticas, portanto, poderiam estar sendo motivadas pela má interpretação da decisão do Supremo.

Brecha para a desconfiança...2

Não é bem assim. Se fosse apenas mau entendimento da parcela da sociedade que ficou indignada com a decisão, seria preciso incluir quatro ministros do Supremo entre os equivocados.

Na verdade, os ministros Edson Fachin, Rosa Weber, Luís Roberto Barroso e Cármen Lúcia, que votaram pela manutenção da regra, devem ter percebido o quanto a mudança em causa própria coloca em questão a imparcialidade e a integridade do Judiciário brasileiro e do próprio STF, especialmente no momento em que a Suprema Corte vem sendo questionada por ter assumido demasiado protagonismo político nas questões administrativas do país.

Extinguir a regra moralizadora parece mais comodidade do que impossibilidade para um sistema judiciário bem estruturado e numa época em que os processos eletrônicos possibilitam agilidade no cruzamento de dados.

Brecha para a desconfiança...3

Considerando-se ainda que grande parte dos magistrados brasileiros tem parentes próximos atuando na área judiciária, é insensato abrir novas brechas para a desconfiança dos cidadãos sobre um poder que deve se manter acima de qualquer suspeita.

Há ainda outro fator a ser considerado: a imagem do Judiciário como guardião da Constituição e sustentáculo da democracia depende muito da percepção da sociedade sobre sua atuação.

Se os cidadãos não percebem que os juízes estão agindo de forma isonômica, o poder se fragiliza e fica mais vulnerável aos ataques dos seus detratores.

Também por isso, o princípio fundamental da impessoalidade, que vale para toda a administração pública, deve ser observado ainda com mais rigor pelos servidores com representatividade para julgar as demandas sociais.

Juízo

Inquieto-me: por que se multiplicam 'igrejas', 'templos', 'terreiros'? Esta crença? Aquela outra? São tantas e tantas que se perde a conta, enquanto o povo procura alguma coisa que ainda não encontrou. Talvez, porque antigamente, todos os caminhos levavam a Roma.

Hoje, o chavão é outro: 'Com dinheiro se vai ao céu. Somente com dinheiro.' Quase pergunto por que o governo não se mete e não acaba com a festa? Desisto.

Pensando bem, fariam na Constituição, nos direitos, na cidadania, na liberdade de culto e religião. Mudo de canal. É outro 'pastor'.

Feira de Miniempresa JA

A Junior Achievement Maranhão - ONG mundial que busca promover a educação financeira, entre jovens por meio de atividades práticas em instituições de ensino públicas e privadas por meio do Programa Miniempresa - promove neste sábado (26) a Feira de Miniempresa, um evento voltado para o estímulo do empreendedorismo entre jovens.

O evento acontecerá no Golden Shopping, em São Luís, das 10h às 22h, e tem como propósito apresentar os projetos desenvolvidos por estudantes das escolas participantes do Programa Miniempresa.

Ao todo, 60 alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio distribuídos entre os colégios Educalls (Calhau e Anil), Colégio Militar Tiradentes I e Colégio Objetivo São Luís participaram da edição 2023 do programa.

O Programa Miniempresa, reconhecido por proporcionar uma vivência prática no universo empresarial, será o foco da feira.



Thelma e o médico João Batista Garcia em momento romântico no jantar de terça-feira no Bistrô Grand Cru



Vista de um dos restaurantes mais icônicos do mundo, o The Bank Tavern, em Bristol na Inglaterra

Espera de 4 anos por uma mesa

Você esperaria 4 anos para conseguir uma mesa de restaurante? Descubra se vale a pena!

Pode parecer exagero, mas é isso mesmo que você está lendo: um restaurante em Bristol, na Inglaterra, possui uma fila de até 4 anos para os clientes conseguirem ir! E a gente já te dá um spoiler: não vá pensando que se trata de um lugar luxuoso!

Qual o motivo para essa espera? Quais os pratos são servidos nesse restaurante? Vale a pena esperar tanto? Se você ficou interessado, venha descobrir agora mesmo!

O restaurante em questão é o The Bank Tavern. Eles se descrevem como um pequeno pub, mas com um grande coração. Estão abertos desde 1800, afastado da agitação do centro da cidade, o que traz aquele clima intimista e aconchegante. Eles contam com uma lista de prêmios, como o vencedor do melhor almoço de domingo de Bristol no Observer Food Monthly Awards e no Bristol



Good Food Awards. Mesmo assim, o prato mais famoso e mais caro custa cerca de 22 libras, que convertendo para a moeda brasileira, custaria em torno de R\$135,00.

Esse almoço de domingo não é premiado à toa, né? Apenas nesse dia é servido um menu especial que não faz parte do cardápio durante os outros dias da semana. Isso faz com que a fila seja para essa data específica.

Antes da pandemia de Covid-19 a fila de espera durava cerca de seis meses, mas depois ela chegou a durar 48 meses, ou seja, 4 anos. Atualmente por estar a lista cheia, o The Bank Tavern optou por fechar o

sistema de reserva até conseguir diminuir a quantidade de pessoas que esperam pela sua vez no restaurante.

O menu especial de domingo é de pratos como um cozido com bife mal passado e maturado a seco durante 30 dias, uma barriga de porco cozida lentamente, cordeiro e tem até opções para os vegetarianos! Essas comidas também acompanham a batata assada, o alho-poró cremoso, o repolho roxo refogado e alguns vegetais sazonais.

Esses assados são muito bem servidos e todos os ingredientes são obtidos a partir de fornecedores confiáveis da própria cidade de Bristol e nos arredores. Por ser um pub, o local também conta com opções de hambúrgueres, cervejas e cidras.

Quando visite Bristol, na Inglaterra, com Rose e Eli Medeiros, tentamos, em vão uma reserva. Deixamos o nome na lista mas nunca fomos chamados.



O BUSTO DE NEFERTITI

Há pouco mais de 100 anos, mais precisamente em 1912, uma expedição de arqueólogos alemães, a Deutsche Orient-Gesellschaft, sob a direção de Ludwig Borchardt, encontrava em Amarna, no Egito, no ateliê do importante escultor do reinado de Akhenaton, Tutmés, uma das peças artísticas que carregam das maiores auras na atualidade: o

busto de Nefertiti, um dos bustos mais fascinantes do mundo. Nefertiti (na foto acima) é uma escultura de calcário de cerca de 3,4 mil anos, com 49 centímetros de altura, que teria sido criada pelo escultor Tutmés por volta do ano de 1345 a.C.

Ele está para o Neues Museum (o nome em alemão para o Novo Museu ou Museu Egípcio) assim como a Mona Lisa

está para o Museu do Louvre, em Paris.

A imagem representa a esposa do faraó Akhenaton e só foi localizada em 1912. Desde então, o que torna a obra tão especial e chamativa é o seu colorido, único neste estado de conservação, o que confere ao retrato uma vitalidade incomparável.



Cristiano Barroso Fernandes (presidente da ACM) e Edilson Baldez (presidente da Fiema)



Cristiano Barroso Fernandes (presidente da ACM), Cosma Gomes e João Rolim, Magnólia Rolim e Luzia Rezende (ex-presidente da ACM)

SOLENIDADE MAGNA

da Associação Comercial do Maranhão (ACM) homenageou empresários e o poeta Gonçalves Dias

A Associação Comercial do Maranhão (ACM) encerrou na segunda-feira (21 de agosto) as comemorações pela passagem dos seus 169 anos. A entidade empresarial mais antiga do estado e a quinta do Brasil promoveu naquela noite uma programação especial que, além de celebrar toda a trajetória da Casa, mostrou os passos que estão sendo dados rumo a um futuro promissor para o empresariado local.

A Solenidade Magna reuniu, diretores, conselheiros, autoridades, imprensa entre outros convidados especiais, e ofereceu momentos de reconhecimento aos empresários que atuam

no estado há cinco décadas. Neste ano, as empresas reconhecidas foram o Grupo Magnólia (fundado por João Rolim) e a Adalberto Leite Imóveis (fundada por Adalberto Leite, hoje conselheiro da entidade – na solenidade ele foi representado pelo filho José de Ribamar Leite).

Bicentenário de Gonçalves Dias

As comemorações pelo bicentenário do poeta maranhense Gonçalves Dias também fizeram parte da programação do aniversário da ACM.

A Solenidade Magna reservou

um momento especial para homenagear um dos maiores poetas brasileiros com a declamação do poema “Canção do Exílio” realizada pelo ator Júlio Fernandes, uma parceria com a Secretaria Municipal de Turismo.

“Estamos fechando as comemorações dos 169 anos já com os olhos voltados para 2024, quando a ACM entra no ciclo desafiador dos 170 anos, mantendo-se cada vez mais forte e produtiva, uma entidade que busca se renovar a cada tempo, para uma atuação sempre forte e decisiva para o empresariado e as empresas locais”, assinalou o presidente Cristiano Barroso Fernandes.



Júlio Noronha e Cristiano Barroso Fernandes entregam a homenagem a José Ribamar Leite, da Adalberto Leite Imóveis



Rogério Duailibe e Hannah Rolim, Ricardo Duailibe e Magnólia Rolim



Cassiano Pereira (Presidente da Maranhão Parcerias, a Mapa), Cristiano Barroso Fernandes e Júnior Marreca



Socorro Noronha (Presidente da Federação da Câmara de Dirigentes Lojistas do MA), Eduardo Braide (Prefeito de São Luís), Mauricio Feijó (presidente da Fecomércio), Júnior Marreca (Secretário Estadual de Indústria e Comércio - Seinc) e Cristiano Barroso Fernandes (presidente da ACM)



Desembargador Ricardo Duailibe, Cristiano Barroso Fernandes, Maurício Feijó e Fábio Nahuz



Maurício e Ana Célia Feijó, Ricardo Duailibe e João Rolim



Vice-prefeita Esmênia Miranda, Maurício e Ana Célia Feijó e Ana Isabel Fernandes



Raimundo Coelho (presidente da Faema), Fábio Nahuz (presidente Sinduscon-MA), Carlos Gaspar (membro do Conselho Superior da ACM), Cláudia Galgani (diretora da ACM), Edilson Baldez (presidente da Fiema) e Júlio Noronha (membro do Conselho Superior da ACM);



O prefeito Eduardo Braide, vice-prefeita Esmênia Miranda, Ricardo Duailibe e Jacira Haickel



O Presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes, falando para os associados e convidados da ACM na festa dos 169 anos da entidade



O prefeito de São Luís, Eduardo Braide, falando para os empresários na festa da ACM



O ator Júlio Fernandes interpretando poema de Gonçalves Dias



Livia Viana (diretora da ACM) e Jacira Haickel (vice-presidente do ACM Mulher)



Márcio Arouche (empresário), Luzia Rezende (ex-presidente da ACM), Felipe Mussalém (ex-presidente da ACM), Lillian Lobo (diretora ACM) e Wanderson Vasconcelos (presidente do ACM Jovem)



Douglas Pinho (membro do Conselho Superior da ACM), Ricardo Duailibe (vice-presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão), Esmênia Miranda (Vice-prefeita de São Luís), Izabel Fernandes (diretora da ACM), Edilson Baldez (presidente da Fiema), Pedro Robson Holanda da Costa (diretor da ACM) e Fábio Nahuz (presidente do Sinduscon-MA)



O Presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes, com a 1ª e 2ª geração do Grupo Magnólia (empresa homenageada da noite): Rodrigo Vilarinho, Magnólia Rolim, João Rolim e Cosma Gomes



Ricardo Duailibe (vice-presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão), Esmênia Miranda (Vice-prefeita de São Luís), Ana Izabel Fernandes (diretora da ACM) e Edilson Baldez (presidente da Fiema)



O Presidente da ACM, Cristiano Barroso Fernandes, com a diretora da entidade, Ana Izabel Fernandes



O balé A Sagração da Primavera, em Paris

CRIANÇAS E MÚSICA

Crianças e música moderna de concerto são incompatíveis. Ou, pelo menos, assim parece. Música moderna é aquela fatia do bolo sonoro que ocupou as primeiras décadas do século passado e se consumiu nas bombas da II Guerra.

Crianças, bem, esses todos nós sabemos o que são. Fora algum modernista desgarrado – um Prokofiev e seu Pedro e o Lobo ali, um Villa-Lobos e seu Guia Prático aqui – não tem sido uma preocupação corrente estabelecer uma ponte entre modernismo e infância.

Embora se possa dizer, com alguma ironia, que o modernismo musical foi a infância do século passado, tantas foram as coisas musicais que se passaram de lá para cá. Assim mesmo, poucos diriam prontamente que A Sagração da Primavera, o balé de Igor Stravinsky, que em maio completou cento e dez anos, é própria para menores. Nem em temática, nem em sonoridade.

No centenário de A Sagração da Primavera, a ponte foi feita: Igor Stravinsky foi entregue às crianças no mercado americano de livros infantis que, de tão vasto, não deixa nenhum tema inexplorado. Tudo serve à infância, os autores parecem dizer, despejando livros cheios de cores e textos em letras grandes nas livrarias, fazendo do inglês e do desenho a língua franca da criança.

Uma vez, escrevi sobre Balé dos Elefantes, livro de uns quinze anos atrás que redesenha uma única peça de Stravinsky, Circus Polka. Mas é que aí o tema é, em si, divertidíssimo: um balé composto pelo russo para ser dançado por elefantes de verdade e bailarinas idem, com coreografia de Georges Balanchine para um picadeiro de circo. É tema para livro infantil já de

saída. Não é o caso de A Sagração da Primavera, com sua música de ruptura e seu escândalo de estreia parisiense.

Mas aí está: When Stravinsky Met Nijinsky (“Quando Stravinsky conheceu Nijinsky”), livro infantil de umas poucas trinta páginas, crônica poética da Sagração..., com correção histórica e mais ainda com precisão de imagens. Não me importo muito com o texto de Lauren Stringer que tem aquela tendência bem americana de imbecilizar o leitor. Mas as imagens... que coisa linda! Nem se precisa ler o texto de cabo a rabo, basta abrir o livro a esmo e logo salta uma ilustração com a qual se pode compactar e na qual podemos nos demorar.

Nijinsky e Stravinsky pensando em alguma obra diferente para fazer, com quadros de Picasso ao fundo. Stravinsky martelando o piano. A plateia da estreia do balé, a um lado da página vaiando, aplaudindo no outro lado da página, chapéus, botas e luvas voando em protesto pelo teatro agitado. A multidão deixando o Théâtre des Champs-Élysées em choque depois da performance, alguns reproduzindo com prazer a coreografia de Nijinsky.

Se o livro coloca um sorriso nos lábios do leitor adulto, imagino o prazer infantil que deverá causar, por força da inteligência das imagens, que sobrevivem por si sós, deixando o texto como coadjuvante pobremente esquecível.

Ao terminar a leitura rápida – mas que logo se reinicia para mergulhar nos desenhos, descobrindo-lhes detalhes aqui e ali – a conclusão é imediata: nunca pareceu tão fácil, tão natural, construir a ponte entre a mais modernista das peças modernas de concerto e o leitor-criança, tenha ele/ela a idade que tiver. O mais

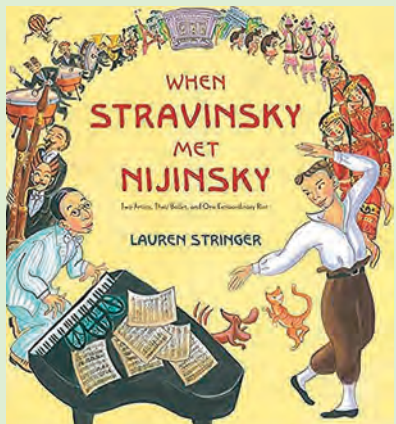
extraordinário é que este não é o único exemplo de como a música moderna, além de se tornar clássica depois de um século, se infantiliza no melhor dos sentidos. Agora mesmo há outros exemplos.

Há um The Extraordinary Music of Mr. Ives (“A Música Extraordinária do Sr. Ives”), de Joanne Stanbridge, sobre Charles Ives, um compositor que só interessa aos norte-americanos. Mesmo assim, aqui o equilíbrio entre texto e ilustração é mais correto. Vejam: “O transatlântico Lusitania vai zarpar do Pier 54. Apita tão alto que o chão treme. Alguns tapam as orelhas – mas não o Sr. Ives. Ele agarra aquele som enorme com ambas as mãos e o transforma em canção”. A história do compositor é unida à história do naufrágio do Lusitania e o livro termina recomendando ao leitorzinho outros compositores a ouvir e ver: Aaron Copland, John Adams e... Elliott Carter – o músico das sonoridades intratáveis.

E há também Squeak, Rumble, Whomp!, Whomp!, Whomp! título onomatopéico e intraduzível do livro de Wynton Marsalis que descreve para as crianças os sons que se pode encontrar nas bandas de rua de New Orleans e nos grupos de jazz, terminando – é claro que com um trompete atravessando as páginas, como se tocado pelo próprio Marsalis. E quase todos os personagens do livro são afro-americanos, o que acrescenta um outro nível de simbologia à história.

Portanto: crianças e música moderna não são coisas tão incompatíveis assim, quando se tem um mercado editorial a alimentar e quando se tem, à mão, palavras curtas, diretas, e um estoque inesgotável de cores.

A Sagração da Primavera



Este espetáculo narra a trajetória de uma garota marcada para ser entregue como oblação à divindade primaveril, no auge de um ritual pagão, com o objetivo de conquistar para seu povo uma colheita proveitosa. Seu cenário foi arquitetado pelo artista plástico e arqueologista Nicholas Roerich, e a estreia se deu em pleno Théâtre des Champs-Élysées, em Paris (França), no dia 29 de maio de 1913.

Esta obra revolucionou praticamente todas as principais características da música de então, ou seja, o arcabouço do ritmo, a estrutura orquestral, o timbre, a forma, os aspectos harmônicos, a maneira como se utilizavam as dissonâncias, e o valor conferido à percussão, a qual

sobrelevava a própria melodia, algo impraticável até este momento.

Não foi casualmente que esta peça escandalizou a sociedade da França em sua estreia. O público não sabia como assimilar tantas mudanças e subversões, não estava preparado para receber positivamente esta nova estética. A proposta coreográfica também foi rejeitada, por seu caráter primitivista, pelo resgate da ancestral arte rupestre.

Sobram vaias para todos os lados, e o caos se instaurou na plateia. Diversos músicos e maestros se retiraram do teatro logo no começo da representação, revoltados com a nova abordagem dos instrumentos. Atualmente a história de sua polêmica apresentação talvez seja mais conhecida que a obra em si.

O espetáculo é estruturalmente dividido em duas partes essenciais: a adoração da terra e o sacrifício. A orquestra é composta por 8 trompas entre 38 instrumentos de sopro. Tudo tem início com a execução de compassos de fagote, seguidos pelo princípio de uma musicalidade lituana, por um andamento sem nenhuma simetria e repleto de padrões complexos, e por um timbre raro nos instrumentos.

Ainda hoje sua natureza subversiva desnorteia o público, por seu teor provocativo e incivilizado. No palco desfilam cenas ancestrais e excêntricas, despertando em quem as assiste emoções aflitivas. Músicas de natureza folclórica distorcidas, uma feroz estruturação de ritmos totalmente independentes, harmonias politonais desagradáveis aos ouvidos, a rejeição drástica das frases longas, a transferência constante dos acentos rítmicos, a inebriante criação de novos timbres, são características que contribuem para o desconcerto do público. Mas também são aspectos que transformam A Sagração da Primavera em uma completa detonação de energia e vida.

A linguagem de Stravinsky centra-se principalmente no ritmo, totalmente destacado em sua estética, o núcleo essencial de sua obra. Ela também é caracterizada pela carência de foco e pelo declínio da narrativa, como já se prenunciava na literatura e na pintura. Da mesma forma que nestas esferas da criação, observa-se na Sagração da Primavera a renúncia ao universo da lógica e da objetividade, um reflexo do mundo moderno.



EM SOLENIIDADE informal na reitoria da UFMA recebi a comenda daquela universidade pelos 200 anos da Imprensa no Maranhão. A distinção honorífica foi concedida em 2021 por ocasião da celebração dos 200 anos da Imprensa no Maranhão, mas como eu estava com Covid-19, só agora recebi a medalha e o diploma das mãos do reitor Natalino Salgado



Fotos/Divulgação/Herbert Alves



NUMA ALEGRE NOITE no Bistrô Grand Cru, a ex-deputada Cleide Coutinho distribuindo simpatia ao lado de Gêzana Rita e de Luisa Coutinho e Costa Neto



Henrique Lyra e Sávio Maia, sócios do Mênore Bank no Maranhão

Mênore Bank reúne empresários em evento de networking

O evento de networking “Conexão Mênore Bank”, realizado no restaurante Milazzo Contemporâneo, reuniu um seleto grupo de empresários maranhenses na noite do último dia 17.

O encontro, organizado pelo Mênore Bank em parceria com destacadas figuras locais, objetivou fortalecer os laços entre os

empreendedores da região, celebrar o crescimento regional do banco e dialogar sobre evoluções de negócios e as próximas metas.

Com a presença de mais de cem empresários de diversos setores, o evento incluiu uma palestra inspiradora proferida por um nome de sucesso no vôlei: o bicampeão olímpico e gestor Giovane Gávio, que falou sobre sua trajetória e as mais de

duas décadas de carreira.

Sendo 100% digital e gratuito, o Mênore Bank tem a proposta de ampliar a oferta de crédito para os empresários brasileiros e trazer ganhos financeiros que estavam nas mãos dos grandes bancos para o caixa da corporação, transformando os custos com folhas de pagamento recebíveis em crédito, possibilitando, assim, o fomento dos negócios.

Fotos/Divulgação



Sávio Maia, Tom Coutinho (Construtora Amorim Coutinho) e Henrique Lyra



Giovane Gávio, bicampeão do vôlei, Vítor de Moraes e Daniele de Moraes, do Instituto de Agronegócios do Maranhão (Inagro)



Giovane Gávio e Dr. Renato Gama (Imedical)



Henrique Lyra, Sergio Murilo Diniz Campos (Ostensiva Segurança) e Sávio Maia



Sávio Maia, Janaina Bordalo e Henrique Lyra



Sávio Maia, Henrique Lyra e Julianderson Bandeira (CEO da Associação Comercial do Maranhão)



Sávio Maia, Henrique Lyra e Benedito Mendes (CEO BB Mendes Agroindústria e Diretor da FIEMA)



Giovane Gávio, bicampeão do vôlei, Vítor de Moraes e Daniele de Moraes, do Instituto de Agronegócios do Maranhão (Inagro)



Marcelino Machado, Sávio Maia, Jurandir Filho (ex vice-governador), Náildes Araújo and Giovane Gávio



Henrique Lyra, Sávio Maia, Magnólia Rolim e Rodrigo Vilarinho (Grupo Magnólia)



Jurandir Filho, Sávio Maia, Náildes, Henrique Lyra e Walfredo Dantas

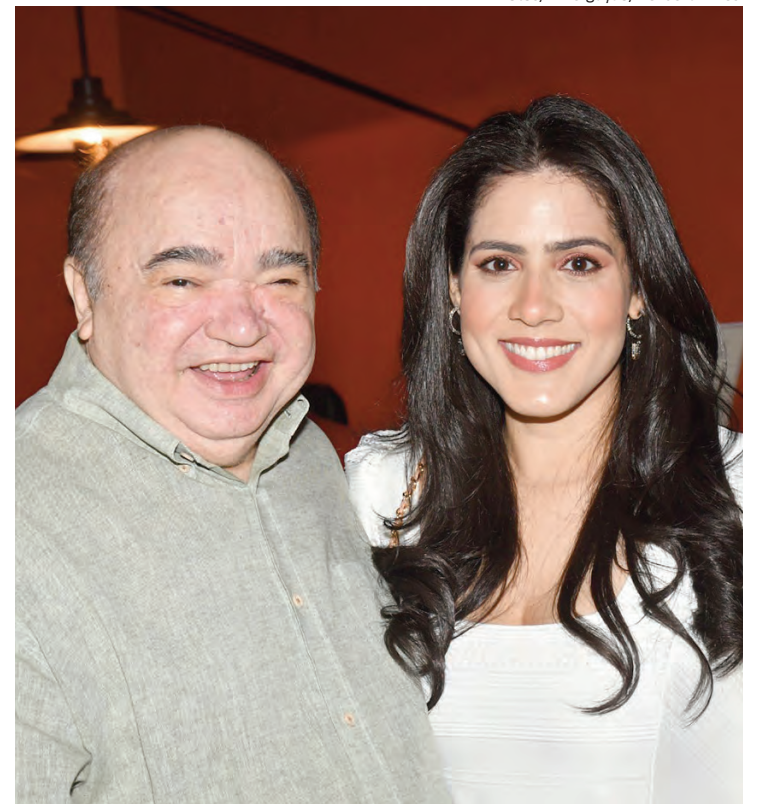


Rubens, Thiago Bogéa, Thiago Brandão e Thais Brandão (Instituto Inspira)

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Grupo de belas garotas no restaurante Mamma: Ana Raissa, Priscila Pelúcio, Guinnever Melo, Rafaela Mendes, Vanessa Esteves e Giovana Bruce



O Repórter PH com a linda Ana Leticia Léda, filha do meu saudoso amigo de infância, Antonio Hidalgo Silveira Léda (já falecido)

NO MAMMA

uma noite de muito charme
no borbulhante fim de semana

Local dos mais badalados da cidade, o restaurante Mamma, no Calhau viveu uma noite agitada na última sexta-feira com a presença de muitos nomes de charme e de prestígio pontificando.

Um dado interessante foi a presença de uma juventude bonita e alegre circulando em grande estilo nos diversos ambientes da casa.

Música ao vivo, bons vinhos nas taças e uma atmosfera de alegria que durou até tarde da noite, sob a regência competente do maître Deuzimar Monteiro e sua equipe.



Luiz Paes e Déia Trinta, o Repórter PH, Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque, Rose e Eli Medeiros



Alice Rocha e Carlos Thadeu Gaspar



Graça e Jeová Barbosa



Miguel Mohana Pinheiro e Teresa



Joaquim Barbosa e Ana Patrícia



Sebastião Madeira e Regiane Presot



Luiz Roberto Albuquerque, Germano Braga e SergioBogéa



Pedro Filho Brito com o PH e Amaro Santana Leite



SÁBADO UM GRUPO de velhos amigos criou a Confraria do Mocotó e, sob a presidência de Maurício Macedo Santos se reuniu no restaurante Cabana do Sol, que serve um excelente mocotó nos fins de semana. Presentes. Glória e Itaquê Mendes Camara, Ana Lucia e Amaro Santana Leite, Maurício e Ana Amélia Santos, Luiz Paes e Déia, o Repórter PH, Flávia e Nilson Ferraz Teresa Martins



Larissa Fonseca e Ana Leticia Léda